GRELHA DE REPERTÓRIO

Eugénia M. Fernandes

Introdução

A grelha de repertório é uma metodologia derivada do *Role Construct Repertory Test* construído por Kelly (1955), com o objectivo de explorar a construção de significados pessoas, tratando-se de uma metodologia intimamente ligada à teoria dos construtos pessoais. Por este motivo, na primeira parte deste capítulo faremos uma breve descrição da teoria dos construtos pessoas, e discutiremos a sua inserção no paradigma construtivista. Num segundo momento dedicaremos mais atenção às especificidades relacionadas com metodologia da grelha, apresentando um conjunto de questões e procedimentos relacionados com os momentos da planificação, administração e análise de dados da grelha. Por último, faremos, a título de exemplo, uma referência breve a um estudo realizado com esta metodologia e descreveremos as possibilidades de análise que o programa RECORD permite no tratamento da grelha de repertório.

Teoria dos construtos pessoais: Enquadramento

A teoria dos construtos pessoais foi desenvolvida nos anos cinquenta, mas só aquando dos desenvolvimentos da década de 80 no âmbito da psicologia cognitiva, e a partilha por parte da psicologia de uma concepção menos racionalista do conhecimento e da realidade, permitiram que a teoria de Kelly ganhasse uma valorização que anteriormente não lhe havia sido reconhecida.

Vários autores contemporâneos (Mahoney, 1988, Feixas & Villegas, 1990, Neimeyer, 1993, Botelha, 2001a,b) enquadram a teoria dos construtos pessoas no paradigma epistemológico construtivista, cujos meta-princípios são: (i) a natureza do conhecimento como uma construção hipotética e provisória, (ii) a escolha de valores epistémicos como alternativa a uma posição justificacionista do conhecimento. O primeiro princípio opõe-se a uma postura modernista do conhecimento, recusando considerá-lo como uma representação interna objectiva e verdadeira da realidade e portanto a autoridade absoluta dos factos, deixando aos construtivistas a tarefa de escolher os valores epistémicos orientadores e legitimadores do conhecimento construído.

Diferentes autores construtivistas de tradição Kellana (Winter, 1992; Feixas & Villegas, 1990; Neimeyer, 1993) lembram que a postura epistemológica subjacente ao trabalho de Kelly é o alternativismo construtivo, segundo o qual o nosso conhecimento da realidade é construído com base num sistema de construtos finito, mas que potencialmente está sujeito a revisão, através de reconstruções alternativas. Este princípio salvaguarda assim a possibilidade de revisão do conhecimento e a oportunidade de mudança pessoal, salientando a sua natureza hipotética e provisória, ou seja, justifica que em diferentes momentos do nosso percurso histórico possamos formular construções diferenciadas das mesmas ou de realidades semelhantes.

No entanto, o processo de reconstrução dos significados pessoais não é destituído de direcção, ou seja, o ser humano é proactivo neste processo de reconstrução pessoal, embora nem todas as construções sejam possíveis ou válidas. Por um lado, os significados novos e alternativos são modelados pela permeabilidade e flexibilidade do próprio sistema de construtos pessoais e, por outro lado, eles devem apresentar-se como úteis para poderem ser considerados como reconstruções viáveis. Neste sentido, o postulado teórico fundamental da teoria dos construtos pessoais prevê que o ponto de partida para a construção de significado ou conhecimento da realidade é a própria pessoa, sendo o próprio sistema de construtos pessoais que delimita as possibilidades de reconstrução pessoal. Assim, se por um lado a proposta da postura construtivista nos desafia com o pressuposto da natureza provisória e incerta do conhecimento, por outro lado, responsabiliza-nos pela nossa acção / proacção, e pela nossa autoria na sua construção.

Entre a diversidade de valores epistémicos proclamados pelas diferentes versões teóricas do construtivismo, dos deles são partilhados pela teoria dos construtos pessoais: o valor pragmático do conhecimento e a coerência do conhecimento construído. De facto, o critério da eficácia preditiva das antecipações de significado e o da coerência das novas construções com o sistema de construtos prévio são inerentes ao alternativismo construtivo, e ao postulado fundamental da teoria. Assim, as questões de validade e correspondência com a realidade objectiva são reformadas por questões de utilidade das construções pessoais, no sentido em que estas traçam percursos de acção viáveis e que sendo coerentes com o sistema de significados prévio potencializam o movimento para a flexibilização e diferenciação da experiência do sujeito.

Teoria dos construtos pessoais: postulado e corolários

Kelly organizou a sua teoria dos construtos pessoais com base num postulado fundamental elaborado por meio de 11 corolários. Estes no seu conjunto definem processos comuns de organização do conhecimento humano, salvaguardando a diferenciação e unicidade dos conteúdos a eles associados. O postulado fundamental, segundo o qual "*os processos de construção de uma pessoa estão psicologicamente canalizados pelos modos como ela antecipa os acontecimentos*", define uma relação "simbótica" entre a construção e a antecipação dos acontecimentos de vida. Os processos de construção são de vária ordem, fisiológica, psicológica ou neurológica (Fransella & Bannister, 1977), e consistem em acções de discriminação. Quando nos tornamos capazes de notar semelhanças e diferenças entre acontecimentos de vida que se repetem, nós estamos aptos a antecipar o significado de acontecimentos futuros, isto

é estabelecemos relações hipotéticas de similaridade ou diferenciação entre os acontecimentos (qualquer experiência quotidiana emocional, cognitiva ou comportamental vivida pelo sujeito, a um nível de consciência superficial ou tácito) previamente experienciados e os que antecipamos. Esta ideia constitui o núcleo duro da teoria, segundo o qual os construtos pessoais são hipóteses que permitem à pessoa antecipar e compreender a experiência da realidade com que se confronta, sendo que a antecipação funciona como um guia para a acção, estando intimamente relacionada quer com a manutenção do sistema, quer simultaneamente com as possibilidade de mudança (Feixas, 1990).

Os corolários definidos por Kelly, ajudam a compreender a organização e dinâmica do sistema de construção do indivíduo. De acordo com a sua perspectiva, construir consiste em atribuir significado, agir / interpretar as nossas experiências, definidas por oposição a outra(s), inferindo-se semelhanças e diferenças entre elas.

O corolário da construção sugere que *a "pessoa antecipa os acontecimentos construindo as suas réplicas"*, ou seja, a eleição de temas recorrentes da nossa experiência do mundo em que actuamos, fornece-nos uma referência e uma margem de segurança para a antecipação dos acontecimentos futuros. A procura e reconhecimento de semelhanças entre os acontecimentos vividos pelo sujeito e a sua diferenciação de outros, é o aspecto central no processo de construção pessoal, pois é na antecipação activa do semelhante e do diferente, que o indivíduo procura manter a estabilidade do seu sistema de construtos pessoais. O acto de diferenciação obedece a um processo de interpretação pessoal com base nas construções de significado anteriores sobre experiências semelhantes, reduzindo, assim, o nível de incerteza das nossas antecipações.

O corolário da experiência informa-nos sobre a possibilidade de revisão das construções pessoais, pois afirma que *"o sistema de construção de uma pessoa varia na medida em que constrói sucessivamente réplicas dos acontecimentos"*. Este corolário, desafia-nos a considerar a falência dos significados que construímos e convida-nos a compreender o processo de viver como uma exigência à reforma dos nossos pressupostos pessoais, enfatizando que a experiência não é algo que nos acontece objectivamente, mas a sucessiva interpretação e reinterpretação do que nos acontece. Assim as antecipações de significado são fortalecidas pela viabilização das construções, favorecendo-se dessa forma a estabilidade do sistema, enquanto que a inviabilização pode favorecer a revisão do sistema de construtos com ela relacionado, possibilitando a mudança pessoal (Winter, 1992). No entanto, a revisão ou mudança na construção pessoal depende das alternativas de construção disponíveis no sistema de construtos e da sua permeabilidade a novos acontecimentos. Os corolários que apresentamos de seguida informam sobre alguns dos factores inerentes a este processo de revisão e elaboração do sistema de construção pessoal.

O corolário da dicotomia, segundo o qual, *"o sistema de construtos de uma pessoa se compõe de um número finito de construtos dicotómicos"*, salienta a natureza discriminativa inerente à unidade básica de significado. Os construtos são bipolares, sendo que o pólo emergente indica a forma em que pelo menos dois dos elementos (objectos da construção) são similares, e o pólo implícito define o contraste desses dos com um outro elemento. Em princípio, o sujeito escolhe o pólo do construto que dá significado a um determinado acontecimento de uma forma mais coerente com a sua

estrutura de significados pessoas. Este processo de escolha pessoal entre os pólos do construto é esclarecido pelo corolário da escolha, de acordo com o qual, *"a pessoa escolhe para si própria, num construto dicotómico determinado, aquela alternativa com a qual antecipa mas probabilidades de elaborar o seu sistema"*, ou seja, a escolha deve permitir antecipar futuros acontecimentos, quer alargando o âmbito em que o construto é operativo, quer aumentando a consistência interna do sistema de construtos. Se as antecipações que a pessoa faz são tentativas de manter a continuidade e a estabilidade da sua construção, então será provável que a sua escolha entre os pólos do construto recaia sobre aquele que é mas coerente com as suas construções anteriores.

De acordo com o corolário do âmbito, u*m construto só é conveniente para antecipar um âmbito determinado de acontecimentos*, ou seja um construto só pode ser operativo num conjunto particular e finito de acontecimentos. Ao conjunto destes acontecimentos, que se unem pela comunalidade da aplicabilidade do construto, chama-se âmbito de conveniência. Neste sentido, entende-se que diferentes sub-sistemas de construtos tenham diferentes e limitadas áreas de aplicação. Alguns construtos têm áreas de conveniência mas latas do que outros, sendo os primeiros de nível superior na hierarquia que organiza os construtos pessoais.

O arranjo dos construtos numa organização hierárquica é definido pelo corolário da organização, segundo o qual *"cada pessoa desenvolve de maneira característica, de acordo com a sua conveniência na antecipação dos acontecimentos, um sistema de construtos que implica relações ordinais entre estes construtos"*. Assim, o sistema de construtos é diferenciado em níveis de construção onde se situam os diferentes subsistemas organizados da hierarquia, sendo que no nível mas elevado desta hierarquia se situam os *construtos nucleares* (mas resistentes à mudança e activados quando alguma experência ameaça a estabilidade das construções sendo portanto os responsáveis pela manutenção e protecção do sistema), e na base da hierarquia estão os *construtos periféricos* (os mais permeáveis, mais instáveis, e os que mais se relacionam com a flexibilidade das construções, sendo portanto também os responsáveis pela facilitação da mudança do sistema). Embora exista uma interdependência entre os dos grupos de construtos, a mudança dos construtos periféricos pode efectuar-se sem afectar a estrutura nuclear do sistema, mas o inverso não acontece. Algumas pessoas têm sistemas de construtos mas flexíveis, mas complexos e mais abrangentes do que outras, o que tem repercussões quer na flexibilidade das antecipações das suas experiências, quer na possibilidade de reorganização do sistema geral, quer dos sub-sistemas mas específicos.

A possibilidade da existência de uma organização diferenciada dentro do sistema de construção de uma pessoa é sublinhada pelo corolário da fragmentação, de acordo com o qual, *"uma pessoa pode empregar sucessivamente vários sub-sistemas de construção supostamente incompatíves entre si"*. Os construtos pessoais agrupam-se em sub-sistemas que constróem áreas distintas de conveniência, sendo que alguns sub-sistemas são mais abrangentes do que outros. Alguns sistemas de construção pessoal integram na sua organização subsistemas de significado incompatíveis, contribuindo dessa forma para a existênca de alguma inconsistência interna no sistema de construtos. A construção de acontecimentos novos exige a revisão das construções prévias, o que por vezes só é possível pela acomodação do sistema para permitir a

incorporação de significados que não são consistentes com as construções anteriores dos acontecimentos, que dessa forma contribuem para a diferenciação intra-sistema. A tolerância a esta inconsistência entre subsistemas ao permitir a mudança é um bom indicador da permeabilidade e abrangência dos sistemas supraordenados. O corolário da fragmentação está intimamente relacionado com o da organização, na medida em que propõe a divisão do sistema de construtos em subsistemas diferenciados, com diferentes âmbitos de conveniência, mas integrados em níveis de organização distintos no sistema geral. Se, por um lado, a inconsistência gerada pela fragmentação pode ser fonte de desequilíbrio, por outro, é a tolerância à inconsistência interna que potencializa uma maior flexibilidade e permite a renovação do próprio sistema de significados pessoais. Os sistemas demasiado consistentes correm riscos de rigidez e de inviabilização quando confrontados com a novidade experiencial, colocando mais facilmente a utilidade do sistema em risco. A inconsistência é assim um factor de protecção do próprio sistema, na medida em que potencializa movimentos de renovação e de facto, quer a renovação quer a manutenção do sistema concorrem para a sua protecção (Winter, 1992).

O corolário da modulação estabelece que *"a variação no sistema de construção de uma pessoa está limitada pela permeabilidade dos construtos dentro de cujo âmbito de conveniência estão as variantes"*. Um construto é tanto mais permeável quanto está capaz de admitir no seu âmbito de conveniência novos elementos (acontecimentos aos quais se procura dar significado) que não são anda construídos dentro do seu sistema de referência, sendo tanto mas impermeável quanto mais se fixa a um conjunto determinado de elementos (Winter, 1992). A permeabilidade dos sub-sistemas de construção está directamente relacionada com as possibilidades de mudança do sistema bem como com os limites da sua evolução, pois a mudança na estrutura de significados pessoais só ocorre quando é consistente com a coerência interna dessa estrutura (pelo menos a nível supra-ordenado), ou seja, quando a mudança pode ser entendida como uma alternativa no sistema.

O corolário da individualidade afirma que *"uma pessoa se diferencia das outras na construção dos seus acontecimentos"*, sublinhando a idiossincrasia do sistema de significados pessoais. O carácter interpretativo e proactivo da construção do conhecimento pessoal sobre as suas experiências do sujeito faz com que, em cada momento, cada pessoa tenha uma forma única de perceber o mundo. Este corolário também reflecte a variabilidade na interpretação dos acontecimentos quer a nível intra-individual quer inter-individual, fundamentando que pessoas distintas antecipem a mesma situação de forma diferente e ajam de modo coerente com essa antecipação, construindo-a de modo distinto. No entanto, apesar da unicidade dos conteúdos da construção pessoal (para além da partilha motivada pela pertença a uma mesma cultura ou grupo), diferentes pessoas utilizam processos similares de construção, o que pode ser responsável pela comunalidade nas suas construções. Esta comunalidade é afirmada pelo corolário da comunalidade: *"a medida em que duas pessoas fazem construções similares da experiência, os seus processos são psicologicamente similares"*.

A compreensão da construção interpessoal e da interacção social é definida pelo corolário da sociabilidade, segundo o qual *a medida em que uma pessoa constrói os processos de construção de outra pode jogar um papel num processo social que a*

implique. Para estabelecermos relações sociais com os outros não basta que utilizemos processos de construção similares, mas é necessário que consigamos participar nas suas construções, metaconstruindo os modos de construção dos outros.

A Grelha de Repertório[i]

Kelly (1955) acreditava que a melhor forma de compreendermos a construção que uma outra pessoa faz do seu mundo seria perguntar-lhe. Esta crença e conselho do autor reflecte precisamente a natureza ideográfica e de centração na pessoa, subjacente à grelha de repertório.

O método originalmente construído por Kelly para explorar os construtos pessoais foi denominado *Role Construct Repertory Test,* consistindo na exploração de uma amostra de construtos pessoais, a partir dos quais o sujeito dava significado ao comportamento de pessoas significativas da sua vida.

A grelha de repertório é uma metodologia que derivou deste primeiro método definido por Kelly, continuando apesar da sua diferenciação, a estar estreitamente ligada à teoria de origem e a ter como principal objectivo a exploração da estrutura e do conteúdo do sistema de construtos pessoais. Durante largos anos o interesse por esta metodologia esteve um pouco apagado, reflectindo, também de algum modo, a dificuldade de expressão da teoria dos construtos pessoas, assistindo-se desde os anos 70 a um ressurgir do interesse pelo uso da grelha de repertório em diferentes áreas da psicologia, quer ao nível da investigação, quer ao nível da prática psicológica (Neimeyer, 1990; Mahoney, 1988).

O uso da grelha de repertório permite ao investigador ou profissonal explorar os construtos pessoais que dão sentido a um determinado conjunto de acontecimentos e analisar as relações entre eles dentro de um domínio particular da experiência pessoal (Fransella & Bannister, 1977; Beail, 1985; Feixas, 1991; Winter, 1992; Neimeyer, 1993), sendo que nenhuma grelha de repertório permite explorar todo o sistema de construtos pessoas do sujeito.

O procedimento geral da grelha de repertório consiste numa forma de entrevista estruturada e focalizada num determinado domínio da experiência do sujeito. A informação recolhida nesta entrevista é formalizada numa matriz, que compreende três componentes: os "construtos", os "elementos" e um sistema de pontuação que estabelece a relação entre os construtos, entre os elementos e entre construtos e elementos. De seguida, definiremos cada um destes componentes da grelha e referiremos algumas das suas especificidades.

Componentes da grelha

Construtos: Um construto é a unidade básica de construção de significado, consistindo essencialmente numa discriminação entre elementos, sendo que a construção de uma experiência ou acontecimento tem subjacente uma afirmação e uma negação simultâneas. Por exemplo, quando alguém diz que uma pessoa é "ponderada" está simultaneamente a afirmar que a considera "ponderada" (pólo emergente) e não a considera uma pessoa "impulsiva" (pólo submerso).

Embora, em geral, os construtos sejam verbalizações que transmitem esta discriminação, nem sempre se situam a um nível acessível à consciência. Como o próprio Kelly afrmou: "uma construção é como um eixo de referência, uma dimensão

de avaliação básica por vezes não verbalizada, frequentemente não simbolizada (...)" (citado por Feixas & Botelha, 1991, p.107). De facto, nós agimos sobre, e damos significado a diferentes experiências sem lhes aplicar um nível verbal, como acontece por exemplo, na música, na arte, e em algumas sensações. Referimo-nos neste caso a construtos pré-verbais, submersos ou suspensos. Os construtos pré-verbais formam-se em idades anteriores ao controlo da linguagem falada, ou em situações geradoras de sentimentos ou pensamentos ambíguos ou vagos, impossíveis de verbalizar. Construtos submersos são os que permanecem com um dos pólos subentendido, sem explicitação verbal. Construtos suspensos são os que, devido a alguma incompatibilidade com o sistema de construção global, são rejeitados. No entanto, e qualquer que seja o nível do construto (verbal ou não verbal), ele constitui sempre um canal de actuação sobre a realidade, expandindo ou limitando as possibilidades de construção de significado.

Vários autores (Button, 1985; Feixas & Botelha; 1991) diferenciaram os construtos em função de alguns critérios teóricos, nomeadamente: (i) *o grau de ordenação* (supra-ordenados - os que incluem no seu âmbito de conveniência outros construtos como elementos; ou subordinados - situam-se como elementos do âmbito de conveniência de um ou mas outros construtos que lhe são supra-ordenados); (ii) *o grau de centralidade* (construtos mais centrais, menos permeáveis, ou construtos mais periféricos que apresentam maior permeabilidade); (iii) *a área de conveniência* (construtos gerais / compreensivos, ou seja possuem um âmbito de conveniência mais lato, sendo portanto operativos sobre um maior número de acontecimentos, ou construtos acessórios / incidentais ou seja possuem um âmbito de conveniência mais limitado); (iv) *a capacidade preditiva do construto* (construtos rígidos - responsáveis por construções invariáveis, ou construtos fluídos que levam a construções mais variáveis), (v) *o grau de controlo sobre os elementos* (construto de apropriação- definindo um domínio exclusivo para os seus elementos, o construto constelatório - fixando a construção dos seus elementos ao domínio de outros construtos, e o construto proposicional - permitindo a pertença dos seus elementos ao domínio de outros construtos); (vi) *o grau de consiciência cognitiva* (construtos pré-verbais - discriminações não simbolizadas verbalmente e portanto menos acessíveis e construtos verbais - expressos por símbolos sociais directos e acessíveis).

Elementos: Um elemento é um objecto da nossa acção / interpretação, ao qual procuramos dar significado, por diferenciação de outros, num determinado momento e contexto. Assim, o elemento não o é absolutamente, mas em função das relações que estabelece com outros elementos ou construtos. Enquanto elemento, o objecto da nossa construção pertence a um domínio da nossa experiência e é construído por um sistema de construtos operativo sobre o seu domínio de pertença. No entanto, num outro momento e contexto, pode contribuir para a discriminação entre outros elementos, assumindo a qualidade de construto. Por exemplo, se se diz que alguém é "competente", este termo é o pólo emergente do construto: *competente-incompetente.* Mas se se considerar que ser competente é ser eficaz, então "eficaz" é o pólo emergente de um construto *eficaz - ineficaz*, que permite inferir que alguém que é competente não é ineficaz. O termo competente (anteriormente pólo de um construto) passa a ser entendido como um elemento construído pelo construto eficaz-ineficaz. Os

elementos podem ser quaisquer acontecimentos mais concretos ou mais abstractos, que façam parte de um domínio que nós queiramos investigar: objectos de arte, anúncios de televisão, pessoais significativas, relações interpessoais, profissões, doenças, situações, países, lugares, etc; e definem o foco da grelha de repertório ou seja o foco da nossa construção de significado.

***Sistema de pontuação*:** O sistema de pontuação escolhido para cotar cada elemento da grelha em relação a cada um dos construtos explorados ou fornecidos, permitirá definir as relações entre construtos, entre elementos e entre construtos e elementos. Os sistemas de pontuação que têm sido usados (dicotómico, ordinal e intervalar), oferecem diferentes possibilidades de análise da estrutura e conteúdo do sistema de construtos. As implicações e cuidados na escolha de cada um destes não só em função dos objectivos do utilizador da grelha, mas também em função de algumas características do entrevistado, serão abordados mas adiante a propósito do planeamento da grelha.

Planeamento da Grelha de Repertório

O planeamento da grelha corresponde a um processo de tomada de decisões sucessivas cujo resultado condiciona a exploração de construtos em que nos envolvemos. Ao longo desta fase o investigador confronta-se com a necessidade de dar resposta a uma série de questões, cujo processo de esclarecimento deve encontrar fundamento nos pressupostos da teoria dos construtos pessoais (Fransella & Bannister, 1977). Neste ponto, procuraremos delinear este processo de questionamento sublinhando alguns cuidados inerentes às escolhas a fazer e ilustrando-o com alguns exemplos.

A utilização da grelha tem sempre como objectivo último a exploração da construção pessoal (conteúdo / organização dos construtos pessoais) sobre uma determinada realidade experienciada pelos sujeitos que a ela respondem. Qualquer que seja o contexto da sua utilização (investigação ou prática psicológica), a decisão de usar a grelha de repertório com um indivíduo ou com uma amostra de participantes, remete para algumas questões, que não esgotam as inquietações específicas e inerentes a cada planeamento, mas que são comuns e orientadoras de qualquer processo de construção de uma grelha: (i) qual o objectivo do uso da grelha?; (ii) que elementos definem a área que pretendemos construir?; (iii) usar a mesma grelha ou construir grelhas diferentes, em momentos distintos?; (iv) fornecer ou elicitar os elementos?; (v) fornecer ou elicitar os construtos?; (vi) que procedimentos de exploração de elementos / construtos escolher?; (vii) quantos e quais elementos / construtos inserir na matriz; (viii) usar grelhas individuas ou grelhas grupais?

De algum modo, a resposta a estas questões pode estar condicionada por vários factores como por exemplo o contexto específico da sua utilização (investigação ou avaliação psicológica no âmbito da prática), o alvo particular da construção (a que queremos dar significado), a preocupação com aspectos teóricos que fundamentam esta metodologia.

Em geral, o primeiro passo do processo de construção da grelha é, pois, definir o objectivo específico da exploração de construtos, a que nos propomos, ou seja responder claramente à questão: "A que é que pretendemos dar significado?"; ou "O

que desejamos compreender". O processo que permite chegar às elaborações de significado pessoais é todo o processo de planeamento, administração e análise da grelha.

Qual a área de conveniência que se pretende explorar?

Quando se clarifica o objectivo para o uso da grelha de repertório, torna-se importante definir o tipo de elementos que farão parte da grelha que se está a construir (área de conveniência do subsistema representado pelos construtos da grelha), pois será com base no estabelecimento de relações de discriminação entre tais elementos que se chegará às construções de significado esperadas. Por exemplo, se o objectivo é compreender como o sujeito constrói a sua família, então os elementos da grelha serão todos membros da família. Se se pretende dar significado ao impacto de determinado produto do mercado no estilo de vida dos indivíduos, então os elementos serão produtos representativos da área de mercado a explorar (ex. livros). Se o objectivo é explorar os significados que o sujeito elabora acerca das suas relações interpessoais, então os elementos da grelha serão as suas relações com as pessoas significativas. Assim, dependendo da especificidade do objectivo, os elementos da grelha podem ser de diferentes tipos: elementos do *self*, pessoas, situações, relações, tipos de ocupação, produtos do mercado, etc.

Diferentes autores (Fransella & Bannister, 1977; Cornejo & Feixas, 1992) aconselham a ter dos cuidados na escolha dos elementos da grelha:

a) *Todos os elementos devem ser homogéneos, ou seja devem estar dentro do âmbito de conveniência do sub-sistema de construtos a ser usado*

De acordo com a teoria dos construtos pessoais, nomeadamente com o corolário do âmbito, quando os elementos estão fora do âmbito de conveniência dos construtos, estes não podem dar-lhes sentido. Quando os elementos são fornecidos pelo participante, é importante garantir que os elementos de uma grelha sejam homogéneos e pertençam todos ao mesmo âmbito de conveniência, sendo assim todos relevantes para os construtos que verem a ser usados (Fransella & Bannister, 1977). Em princípio e de um ponto de vista teórico, não fará sentido que, por exemplo, se explore um sub-sistema de construtos relacionado com as relações entre pares na adolescência e se coloque membros da família, entre os elementos da grelha.

Quando os elementos / construtos são propostos pelo entrevistador / investigador este cuidado requer ainda mais atenção, visto que um elemento particular poderá não fazer parte da experiência do sujeito e, por isso, poderá também não fazer parte do âmbito de conveniência do sub-sistema de construtos pessoal elicitado com aquele sujeito. Diríamos, neste caso, que seriam elementos da área de conveniência teórica / do investigador mas não da área de conveniência que define a experiência do sujeito, e portanto sem utilidade na exploração dos significados pessoais do sujeito. A título de ilustração, suponhamos que, queremos investigar a forma como os adultos dão significado às situações de transição desenvolvimental. Enquanto investigadores poderíamos propor os seguintes elementos para inserir na grelha: entrada para a universidade, primeira decepção amorosa, primeiro emprego, casamento, primeiro filho, divórcio. No entanto, poderia acontecer que alguns dos participantes não tivessem vivido algum destes acontecimentos, pelo que do ponto de vista teórico não estaram capazes de os construir, porque eles não fariam parte do âmbito de

conveniência do sistema de construtos elicitado. Assim, a selecção dos elementos exige um conhecimento aprofundado da pessoa a quem se administra a grelha, o que em geral requer uma entrevista focalizada e demorada sobre a área de conveniência a construir.

b) *Os elementos devem ser representativos do domínio do qual foram retirados*

A questão da representatividade dos elementos refere-se à representatividade da construção sobre a área de conveniência em estudo e da qual eles são retirados. Se, por exemplo, se quer estudar a forma como o sujeito constrói as relações de amizade, é importante que a grelha inclua entre os seus elementos os amigos de forma representativa. É importante, a par da representatividade (nem sempre fácil de garantir), que os elementos sejam facilmente compreensíveis e adequados às capacidades de quem responde à grelha. Por exemplo, na exploração de construtos pessoais com crianças, pode ser mais apropriado representar os elementos por meio de desenhos ou figuras do que através de expressões verbais mais abstractas.

Quantas grelhas preciso, e em que momentos?

A resposta a esta questão decorre da decisão tomada a propósito das questões anteriores: qual o objectivo específico?, e qual(s) a(s) área(s) de conveniência a explorar?. De acordo com o que referimos no ponto anterior teremos que planear tantas grelhas quantas as áreas de conveniência a explorar. A utilização da grelha pode ser feita apenas num momento (seja na investigação, seja na prática), como pode a mesma grelha (se a área de conveniência permanece a mesma) ou outras diferentes (se nos focalizamos em áreas de conveniência distintas) serem utilizadas em momentos distintos de um processo. Por exemplo, na prática clínica poderíamos utilizar uma mesma grelha no início, a meio e no fim do processo terapêutico, assim como numa investigação, poderíamos usar uma grelha no início e no fim de um programa de intervenção.

Fornecer ou explorar os elementos?

Geralmente, na prática psicológica, atendendo a que os objectivos subjacentes à exploração de construtos pessoais se centram privilegiadamente na compreensão da experiência pessoal, é mas útil identificar os elementos partindo dos relatos dos sujeitos. No entanto, em algumas ocasiões poderá ser preferível fornecê-los. Por exemplo, supunhamos que um clínico pretende usar a grelha para explorar os acontecimentos significativos do processo terapêutico. Poderá ser pertinente, quer identificar estes elementos (acontecimentos significativos) a partir do relato do cliente, quer seleccionar alguns momentos terapêuticos relatados na investigação e pedir ao cliente que elabore o seu significado. A resposta a esta questão varia em função da especificidade do objectivo e dos condicionalismos do próprio contexto de utilização da grelha, quer este seja de investigação ou de prática psicológica.

Embora existam diferentes modos de obter os elementos, eles devem estar sempre associados a um conhecimento aprofundado dos sujeitos que os irão construir. A proposta dos elementos por parte do investigador fundamenta-se no corpo de conhecimentos já acumulados sobre uma determinada área, mas, como já sublinhámos anteriormente, deve acompanhar-se de uma avaliação da sua representatividade e

compreensão por parte do sujeito que os irá construir. O processo de elicitação dos elementos pode socorrer-se das estratégias que o entrevistador conhece e que são pertinentes para a avaliação da área de conveniência em causa, passando posteriormente pela identificação e selecção dos elementos mais importantes para o próprio sujeito. Por exemplo, se se quer identificar elementos familiares pode usar-se a construção e exploração de um genograma, ou pode simplesmente pedir-se ao sujeito que elabore e seleccione os elementos que fazem parte da sua experiência familiar.

Fornecer ou elicitar os construtos?

O corolário da individualidade afirma que as pessoas diferem na construção que fazem dos acontecimentos, e portanto os construtos fornecidos pelo entrevistador podem não ser tão úteis como os identificados pelo entrevistado. A propósito desta questão, Fransella e Bannister (1997) defendem que o importante é que, quando fornecemos construtos (expressos por etiquetas verbais) ao entrevistado este lhes consiga atribuir significado. Os mesmos autores defendem que em algumas situações será mesmo preferível fornecer os construtos em vez de os elicitar, pois, em algumas circunstâncias quando se elicitam construtos, a pessoa pode não fornecer os mais pertinentes para o objectivo subjacente à sua exploração, nem mesmo construtos que sejam muito importantes para o próprio sujeito. A discussão acerca da significância dos construtos elicitados e dos construtos fornecidos tem recebido suporte da investigação, sendo a importância de um construto frequentemente determinada pela polarização das cotações que lhe são atribuídas. Se por um lado, a investigação suporta a ideia de que os construtos elicitados recebem cotações mais extremas que os fornecidos e portanto se apresentam como mais significativos, por outro lado, este facto parece estar dependente da variedade dos elementos que participam no processo de elicitação dos construtos (Warr & Coffman (1970), citados por Fransella e Bannister (1977). Uma forma de resolver a questão da significância dos construtos quer sejam fornecidos ou / e elicitados, sugerida por Isaacson (1966, citado por Fransella & Bannister, 1977), é pedir ao sujeito que os ordene em relação à sua importância.

Portanto, a opção de fornecer construtos a um sujeito requer alguns cuidados, no sentido de evitar que os construtos não sejam construtos teóricos ou do investigador e sejam também construtos significativos para o sujeito a quem os propomos, ou seja, o sujeito deve estar capaz de os aplicar para que possam ser úteis. A este propósito, a sugestão de vários autores (Fransella & Bannister, 1977; Winter, 1992) é que, para além do recurso às fontes da investigação, se recolha os construtos a fornecer, partindo de uma amostra de construtos de um grupo comparável ao do sujeito ou no seu próprio grupo. Este procedimento tem subjacente (de acordo com os corolários da comunalidade e da sociabilidade) a ideia de que os construtos mais frequentemente usados pelo grupo sobre a mesma área de conveniência, serão significativos para o sujeito. Por exemplo, a propósito da construção dos acontecimentos terapêuticos poder-se-á elicitar os construtos do cliente, ou fornecer construtos que eventualmente tenham já sido elicitados ao cliente em momentos distintos, ou construtos que o terapeuta julgue pertinentes neste momento de avaliação do processo, e que tenham sido identificados por outros clientes na mesma situação. O

entrevistador deve manter o cuidado de verificar a representatividade e operatividade dos construtos para o sujeito em causa.

Em síntese, em qualquer caso, quer elicitemos, quer forneçamos, é indicado avaliar com o sujeito a significância dos construtos, em termos da sua operatividade (questionando-o directamente sobre o sentido do construto) e em relação ao objectivo da sua exploração.

Apesar da elicitação de construtos levantar menos questões teóricas em termos da sua significância, requer também alguns cuidados relativos à utilidade que os construtos apresentam para o objectvo da sua exploração. Como referem Fransella e Bannster (1997) nem todos os construtos elicitados são úteis em relação ao objectivo para que são explorados, pois podem ser excessivamente permeáveis (ex. homem-mulher) ou excessivamente impermeáveis (instrumentos de música.) ou vagos (giro) ou situacionais (da mesmo país) ou superficiais (têm a mesma cor de cabelo). Estes construtos não são inúteis em absoluto, pelo que se devem aceitar e clarificar junto do sujeito o que significam. Por exemplo pode pedir-se ao sujeito que acrescente outras características que assemelhem ou diferencem os elementos, sem rejeitar os primeiros construtos, ou pode pedir-se que o sujeito identifique semelhanças ou diferenças, precisamente pelo facto de os elementos partilharem ambos a primeira dimensão de significado identificada (pelo facto de serem ambos homens, em que se assemelham ou diferenciam?). Assim, o pressuposto da construção pessoal, requer que os julgamentos do investigador acerca das características dos construtos sejam testadas junto do sujeito que os fornece, e em último caso, é o sujeito que melhor decide sobre a utilidade dos construtos que fornece.

Sendo a elicitação dos construtos um procedimento mais adequado do ponto de vista teórico, fornecer construtos previamente seleccionados, obedecendo aos cuidados já referidos, também pode ter as suas vantagens. Por exemplo, este procedimento facilita a comparação de grelhas bem como a formação de grelhas de grupo, assim como também facilita a restrição da construção a uma área de conveniência que pode ser de interesse particular para o investgador. O uso de construtos fornecidos e desenhos mistos de grelhas (integrando construtos elicitados e construtos fornecidos), permite captar a comunalidade da construção, facilitando a avaliação de construtos de grupos de indivíduos (Feixas & Villegas, 1990, p. 72).

Que tipo de procedimentos de exploração dos construtos usar?

Os processos de elicitação são diversificados, sendo a proposta mas conhecida e originalmente proposta por Kelly, o método triádico em contexto mínimo. Este consiste em comparar três elementos simultaneamente, pedindo que o sujeito identifique uma semelhança entre dos deles e uma diferença entre esses e um terceiro: *Em que é A e B são semelhantes entre si, e ambos diferentes de C?*

Exemplo: Em que é que a Psicologia e Sociologia se parecem e em que se distinguem ambas da Matemática?

O primeiro termo da comparação permite elicitar um dos pólos do construto e o segundo termo permite elicitar o segundo pólo do construto. O número de tríades

apresentadas ao sujeito, bem como os elementos que as integram é variável. Por exemplo, se se pretende explorar construtos do *self*, pode ser mas aconselhável incluir em todas as tríades um elemento do *self*.

Este método triádico pode ser apresentado de forma diferente, conforme o número e a ordem em que se apresentam os elementos. Na sua forma de *contexto total* apresentam-se ao sujeito simultaneamente todos os elementos escritos em cartões separados e pede-se-lhe que identifique grupos de elementos que se parecem. Pergunta-se então qual a semelhança que une os elementos dentro do grupo. Enquanto que este procedimento permite elicitar um dos pólos do construto, o outro pólo é elicitado, questionando acerca do oposto deste pólo emergente. Na sua forma *sequencial,* os elementos começam por ser apresentados na forma de contexto mínimo (apenas três elementos), sendo um dos elementos da tríade, sucessivamente substituído por outro dos elementos da grelha. Na forma de *auto-identificação* os elementos são apresentados na forma sequencial, mas um dos elementos mantém-se na comparação, sendo este elemento o "elemento *Eu*".

No entanto em algumas circunstâncias, por exemplo quando os elementos são complexos, e/ou com alguns sujeitos (por exemplo as crianças), o método triádico apresenta-se como demasiado complicado, sendo preferível o método diádico. Este método consiste na comparação entre dos elementos, pedindo a propósito de ambos uma diferença e uma semelhança, ou uma semelhança e depois o oposto dessa semelhança: *Em que é que A e B são semelhantes?/Qual é o oposto dessa característica? ou Em que é que A e B são semelhantes?/Em que é que A e B são diferentes?"*

Exemplo:	
Em que é que:	*a minha relação com a Maria é semelhante à minha relação com o João*
Em que é que:	*a minha relação com a Maria é diferente da minha relação com o João*

A forma como apresentamos os elementos pode variar, dependendo da importância particular que alguns dos elementos assumem na área que estamos a construir., e tal como para o método triádico, também no método diádico podemos usar a forma de contexto total, forma sequencial, ou a forma de autocaracterização.

Para um aprofundamento acerca destes e de outros procedimentos de exploração dos construtos aconselha-se a consulta do *Manual for Repertory Grid Technique* de Fransella e Bannister (1977).

Que tipo de sistema de cotação escolher?

O sistema de pontuação escolhido vai definir e delimitar as possibilidades de diferenciação das relações estabelecidas entre os construtos e elementos.

O método desenvolvido por Bannister, o chamado *Split-half*, consiste em distribuir os diferentes elementos pelos dos pólos de cada construto, de modo a colocar metade dos elementos em cada pólo (Winter, 1992). Este método tem o inconveniente de forçar a colocação dos elementos em cada pólo do construto, correndo o risco de tornar a resposta inadequada

Sistema dicotómico: Este sistema, apesar de não permitir uma grande diferenciação entre os elementos ao distribui-los pelos dois pólos dos construtos, dá liberdade ao sujeito de colocar em cada um dos pólos dos construtos os elementos que assim o considerar, ou seja mas que um elemento no mesmo ponto da dimensão de significado representada pelo construto, assim como a possibilidade de não aplicar um construto a algum elemento em particular.

Sistema ordinal: O uso do sistema ordinal envolve ordenar os elementos numa sequência definida entre os dois pólos dos construtos. Se por um lado a ordenação permite um maior grau de diferenciação, por outro força-a para elementos que na realidade não se diferenciam num determinado construto. Por outro lado, este processo de diferenciação complica-se quando o número de elementos aumenta muito

O sistema intervalar consiste na avaliação de cada elemento em relação a cada construto de acordo com uma escala de intervalos. Os extremos da escala correspondem aos pólos da dimensão definida pelo construto. Este método permite maior liberdade no estabelecimento de relações entre construtos e elementos, pois não força a discriminação, assim como permite a aplicação de um ponto médio se o elemento não se enquadrar no âmbito de conveniência a ser construído.

Usar uma grelha de grupo ou não?

Os autores de tradição Kelliana mais tradicional consideram que a utilização da grelha individual (seja num contexto de investigação, seja da prática profissional) torna mais fácil respeitar os pressupostos teóricos subjacentes à construção da grelha de repertório, e sublinham a idiossincrasia da construção pessoal. No entanto, outros autores defendem que os corolários da comunalidade e da sociabilidade, ao fundamentarem a possibilidade da co-construção por parte de indivíduos da mesma cultura, dão suporte à utilização da grelha grupal (Feixas & Villegas, 1990; Button, 1985).

Embora, a construção de uma grelha de grupo suscite alguma discussão entre alguns utilizadores e active a preocupação em respeitar os pressupostos teóricos que sublinham o caracter pessoal da construção (Landfield & Epting, 1987), alguns autores têm sugerido procedimentos para a sua construção. Por exemplo Feixas (1991) propôs que numa amostra de grelhas individuais, se poderiam recolher, entre os construtos comuns (cujos dois pólos se apresentassem guias) a todos os participantes, os mais frequentes para integrar uma grelha de grupo. Button (1985) sugeriu no mesmo sentido que se incluísse na grelha de grupo os construtos comuns (considerando os dois pólos do construto) a pelo menos quatro grelhas individuas. A grelha de grupo tem sido um recurso particularmente útil no contexto da avaliação e intervenção psicológica no desporto (Marti, Feixas & Villegas, 1987), e no âmbito da terapia familiar (Feixas, Procter & Neimeyer, 1993) e na investigação (Button, 1985).

Administração

A administração da grelha de repertório consiste na concretização de uma entrevista formatada pelos procedimentos de exploração de elementos e construtos previamente planeados. O processo de entrevista não é uma simples aplicação de procedimentos, mas exige ao entrevistador a avaliação atenta da significância e representatividade dos elementos e construtos explorados. Relativamente aos

elementos, e em particular quando estes são fornecidos, pode ser necessário que o entrevistador flexibilize as suas propostas, se perceber que algum elemento não é significativo para o entrevistado. A exploração dos construtos nem sempre é fácil e pode requerer da parte do entrevistador persistência e isenção na orientação da entrevista no sentido de facilitar a construção pessoal do entrevistado. É importante que o entrevistador se assegure na altura da entrevista que todos os cuidados que teve previamente no momento da planificação, relativos aos elementos e aos construtos, são consumados na sua administração. Para além de todos os cuidados relacionados com a técnica da grelha de repertório, o entrevistador deve atender sempre ao impacto que este processo de entrevista tem no entrevistado, nomeadamente, no seu equilíbrio emocional, criando oportunidades para ventilar pensamentos e emoções acerca do processo de entrevista e do seu efeito. Se no contexto de investigação, é eticamente correcto não deixar ir embora o sujeito sem monitorizar este impacto, no âmbito da prática psicológica fornecer condições para falar sobre este impacto pode ser uma mais valia na compreensão das problemáticas que se estão a procurar compreender.

Procedimentos de análise

A formalização da entrevista numa matriz permite que as informações recolhidas possam ser objecto de tratamento matemático e estatístico, dando informação acerca do conteúdo e estrutura do sistema de construtos, mesmo a partir de uma única grelha. No entanto, o procedimento exploratório característico do processo de entrevista permite também obter informação independente do tratamento quantitativo. Por estes motivos, esta metodologia tem sido entendida como um bom exemplo de como a ênfase fenomenológica do construtivismo pode ser reconciliada com uma investigação quantitativa (Feixas & Cornejo, 1991; Botelha, 2001).

Procedimentos de análise qualitativa

O interesse dos investigadores/práticos subjacente ao uso da grelha pode ser muito variado, pelo que as respectivas exigências ao nível da análise das informações recolhidas também são diferenciadas. Se o nosso interesse se situa no conteúdo dos construtos que os indivíduos usam para elaborar o seu mundo, após a elicitação de elementos e construtos, poderemos fazer uma análise de conteúdo dos elementos e construtos explorados, sem necessitar de passar a uma análise matemática das suas inter-relações (Fernandes & Gonçalves, 1997). Assim, a análise da natureza dos elementos e dos construtos pode ser uma das possibilidades a retrar num primeiro momento, quer a partir da análise da matriz, quer a partir do próprio processo de elicitação e preenchimento da matriz. O próprio processo de exploração dos construtos pode ser esclarecedor de algumas características do sistema de construção, como por exemplo, se um construto emerge repetidamente durante a elicitação com base em tríades de elementos distintos, isso pode significar que este construto é muito permeável (Winter, 1992); embora, a repetição do mesmo construto pode também ser um sinal de saturação e indiferenciação do sistema (Feixas, 1992). A análise de conteúdo pode ajudar a classificar os construtos em categorias, o que tem sido útil na compreensão de diferentes grupos de sujeitos ou problemáticas (Landfield, 1971; 1976; Horley, 1988; Caine, Wijesinghe & Winter, 1981; Neimeyer & Fukuyama, 1984).

Para além de uma análise de conteúdo, o uso da grelha de repertório permite obter informações sobre a estrutura do sistema ou do subsistema de construção em uso. Para este fim é necessário fazer um estudo das relações entre os construtos e entre estes e os elementos que compõem a matriz onde se formalizou o processo de entrevista, tomando como base as pontuações atribuídas pelo entrevistado e fazendo uma análise comparativa respectivamente das colunas e linhas da matriz. A análise das linhas permite perceber se existe ou não uma diferenciação dos elementos em cada um dos construtos e a análise das colunas permite perceber se a construção do sujeito tende ou não a polarizar em alguns elementos. Assim, neste processo de análise é possível avaliar se todos os elementos são significativos para o sujeito ou se existe algum que se apresenta difícil de receber significado (cuja pontuação é um ponto médio, ou seja situa-se fora do âmbito de conveniência do subsistema de construtos a operar), identificar quais os elementos que se aproximam e quais os elementos que se distanciam em relação a algumas dimensões de significado pessoal. O quadro I, representa uma matriz exemplo em que, o elemento José recebe uma pontuação de 3 em qualquer um dos construtos usados, o que sugere que a Maria (sujeito que construiu a grelha) tem dificuldade em construir este elemento não decidindo por nenhum dos pólos. Uma das hipóteses que se pode colocar é que a Maria não conhece suficientemente bem este elemento, de forma a ser capaz de lhe atribuir significado. Do mesmo modo, a análise atenta das linhas da matriz permite retirar algumas hipóteses acerca dos construtos usados pelo entrevistado. Concretamente, pode avaliar-se a operatividade dos construtos (em especial se foram construtos fornecidos pelo entrevistador), a polarização e diferenciação dos vários construtos usados. No exemplo ilustrado na matriz 1, o construto *fiel / infiel* não discrimina os elementos da grelha, podendo significar que não é uma dimensão importante para a construção pessoal que a Maria faz dos seus colegas. Por exemplo é possível supor que a Maria tem uma imagem mais negativa de si própria, pois afasta-se da forma como constrói a Maria ideal nas várias dimensões de significado.

Quadro I: Matriz de uma grelha construída pela Maria

pólo emergente	Maria	João	Rita	José	Ana	M. Ideal	*pólo oposto*
simpático	5	2	1	3	4	1	antipático
compreensivo	4	2	4	3	4	1	indiferente
triste	1	4	4	3	3	5	alegre
activo	5	2	4	3	2	2	passivo
infiel	4	4	4	3	4	4	fiel

1= Muito; 2= Pouco, 3= Ponto médio; 4= Pouco;5= Muto

Como afirma Winter (1992) alguma da informação recolhida a partir da grelha é consciente e pode facilmente ser obtida por procedimentos menos complexos e mais directos de questionamento. No entanto, muitas vezes durante o preenchimento da grelha e na sua análise qualitativa posterior, os indivíduos apercebem-se de informações que permaneciam em níveis de consciência mais baixos. Alguns dos comentários, como por exemplo: "*que interessante, nunca me tinha dado conta disto*",

expressam precisamente a emergência de informação sobre a construção pessoal a um nível de consciência diferente, sublinhando a utilidade do recurso a esta metodologia.

Procedimentos de análise quantitativa

O tratamento matemático dos dados da grelha de repertório tem subjacente o pressuposto que a associação matemática entre os construtos ou entre construtos e elementos reflecte a relação psicológica entre esses componentes. Assim, tradicionalmente, o tratamento matemático da matriz consiste essencialmente no cálculo das matrizes de correlações, procurando desta forma identificar a similaridade entre construtos ou entre elementos. Para um estudo mas aprofundado das análises estatísticas da matriz da grelha de repertório sugere-se, por exemplo, a consulta de Fransella e Bannister (1977) ou Winter (1992).

Os avanços tecnológicos e matemáticos nas últimas décadas permitiram um grande desenvolvimento das possibilidades de análise dos dados recolhidos na matriz da grelha de repertório, favorecendo a expansão da sua utilização como metodologia de avaliação psicológica, na prática e na investigação. Vários programas informáticos têm sido construídos, no sentido de facilitar e acelerar a análise das grelhas, substituindo as análises manuais muito mais demoradas. Embora, alguns dos programas se focalizem em tipos específicos de análise, os mas conhecidos permitem obter as medidas necessárias para avaliar o conteúdo e estrutura do sistema de construtos. Neste capítulo faremos uma referência breve a cada uma das principais medidas de relação entre construtos, as mais frequentemente referidas na literatura, remetendo-se o leitor interessado em aprofundar este assunto para o manual da grelha de Fransella e Bannister (1977) e para os manuais dos programas informáticos que as geram (por exemplo, RECORD, Cornejo & Feixas, 1992).

Medidas das relações entre os construtos

As relações entre os construtos, estabelecidas a partir da sua formalização numérica na matriz, fornecem indicações sobre a estrutura do sistema de construtos: diferenciada ou unidimensional, rígida ou flexível, integrada ou desordenada.

Medidas da complexidade cognitiva

A complexidade cognitiva é uma dimensão da construção pessoal que tem motivado a elaboração de diferentes medidas, embora acompanhada de alguma confusão entre as propostas de diferentes autores. A este propósito Fransella e Bannister (1977) sublinham a multidimensonalidade do próprio conceito de complexidade cognitiva e o facto de diferentes índices medirem diferentes aspectos da complexidade cognitiva. No entanto, pelo menos dos aspectos são facilmente reconhecíveis na diversidade de medidas de complexidade cognitiva: (i) a diferenciação / indiferenciação da construção (naquelas que descrevem algo sobre quão próximos são os construtos), e (ii) a integração da estrutura do sistema (nas medidas que descrevem algo sobre como os construtos estão integrados).

Índice de intensidade

Esta medida relaciona-se com a variabilidade da construção, sendo o seu valor igual à soma das relações entre todos os construtos (ignorando o sinal). Quanto mais

baixo for o valor de intensidade (baixo de correlações) mais frouxa / desordenada / diferenciada é a nossa construção. A variabilidade nos valores deste índice pode ser um indicador do movimento na construção pessoal entre momentos de maior rigidez (que podem ser sinal de protecção do sistema por confronto com acontecimentos de novidade e dificuldades na atribuição de significado) e momentos de reactualização do sistema de significados marcados pela sua diferenciação interna. O ideal é que a construção pessoal possa reflectir uma alternância entre construções mais frouxas e construções mais rígidas, de forma cíclica e não permaneça nem rígida, nem frouxa.

De acordo com Feixas e Cornejo (1992) na medida em que o índice de intensidade se baseia *no grau de associação existente entre os construtos* ele é um indicador da integração do sistema de construtos, sendo que um valor elevado indica pouca diferenciação e alta integração.

Índice de Bieri

O índice de Bieri é uma das medidas de complexidade cognitiva que se baseia na diferenciação e na multidimensionalidade da construção do sujeito. Este índice consiste no somatório de acordos de cotações da matriz, quando se comparam elemento a elemento e para cada par de linhas, sendo atribuída a cotação 1 a cada acordo encontrado. Quanto maior o acordo, maior o valor total do índice de Bieri, ou seja menor a diferenciação e consequentemente menor o grau de complexidade cognitiva. De acordo com este índice as pessoas cognitivamente mais complexas constróem o seu mundo a partir de maior diversidade nas dimensões de significado do que as que são cognitivamente menos complexas.

Feixas e Cornejo (1992) afirmam que o índice de Bieri se correlaciona de forma significativa com o índice de intensidade, sugerindo que estes índices medem ambos o grau de inter-relação entre os construtos, considerando-os assim, mas como medidas de integração, embora influenciadas pela diferenciação.

Percentagem de variância explicada pelo primeiro factor

Esta medida informa sobre o poder explicativo do primeiro factor sobre a construção efectuada pelo sujeito. Se o primeiro factor explica uma grande percentagem da variância da construção, então existe indiferenciação da construção, ou seja o sujeito atribui sentido às suas experiências e acontecimentos do seu mundo com base nas mesmas dimensões de significado pessoal. Se a explicação da variância é dividida por diferentes dimensões, então a construção pessoal é mas diferenciada, ou seja o sujeito recorre a diferentes dimensões de significado para dar sentido a diferentes experiências e acontecimentos do seu mundo. Esta é claramente uma medida de diferenciação da estrutura do sistema de construção.

Medidas de integração cognitiva

As medidas de integração cognitiva informam sobre o grau de ordenação dos construtos dentro do sistema de construtos pessoas, definindo quais os que são supra-ordenados e quais os que são subordinados. Assim, estas medidas, baseando-se no número de inter-relações que cada um dos construtos estabelece com os outros, indicam a sua posição hierárquica dentro do sistema.

O índice de saturação foi definido por Fransella (1972) como uma medida de integração, consistindo no número total de inter-relações dentro do leque de relações que um construto pode ter.

O índice de polarização indica a medida em que são atribuídas cotações extremas no âmbito da aplicação de um construto. Este índice foi definido por Landfield como uma medida da significância pessoal do construto, defendendo que este índice tende a ser superior nos construtos elicitados em comparação com o obtido quando os construtos são fornecidos.

O índice de ordenação, foi descrito por Landfield e Barr (1976, citados por Fransella & Bannister, 1977)) como um índice de supra-ordenação do construto. Estes autores assumiram que a supra-ordenação de um construto seria tanto maior quanto mas extremos fossem os valores por ele recebidos.

Medida de conflito na construção

A medida de conflito na construção informa sobre a inconsistência nas construções pessoas de significado. Esta medida calcula-se considerando tríades de construtos em relação às quais se avalia a compatibilidade ou incompatibilidade das relações. Existem duas possibilidades que podem criar conflito na construção: () quando numa tríade de construtos (A,B,C), todas as correlações entre os construtos (A/B, B/C e C/A) são negativas, () - quando numa tríade de construtos (A,B,C) duas correlações são positivas (A/B; B/C) e uma é negativa (A/C). Por exemplo suponhamos que, para um aluno universitário quanto mas os acontecimentos académicos são percebidos como ameaça (A), tanto mas são percebidos como desafio (B) e os que são percebidos como maior desafio (B), são percebidos como mas atractivos (C), no entanto os que são percebidos como maior ameaça (A), não são percebidos como muito atractivos (C). Estes conflitos nas relações entre os construtos manifestam assim, alguma incoerência na construção de significado das experiências pessoas.

Medidas de conteúdo

Construção do self - Muitos autores referem-se a medidas relacionadas com a construção do *self*, atribuindo por vezes nomes distintos à mesma medida. A medida de "integração do *self* / *outros*" é um índice de distância entre o elemento *self* e o elemento *outros* (por vezes criado pelos próprios programas informáticos, a partir dos elementos da grelha), que tem tomado também as seguintes designações: "medida de identificação", "isolamento social", "discriminação interpessoal".

Medida de auto-estima - Esta medida pode ser calculada com base nas distâncias entre a construção do elemento *self* e a construção do *self ideal*; ou seja através da discrepância entre os construtos que melhor definem o *self* actual e os que definem o *self* ideal.

Programas de tratamento informatizados

Existem no mercado diferentes programas de tratamento informático criados para operar sobre os dados das grelhas de repertório. Alguns dos mas referidos na literatura são por exemplo o NGRD (Slater, 1964), o GAB (Higginbotham &

cada um dos participantes, usar grelhas individuas e administrá-las num momento único (fim do estágio).

Os elementos definam uma área de conveniência constituída por acontecimentos significativos experienciados durante a prática clínica do estagiário, podendo situar-se no contexto inter ou intra-sessão terapêutica. Estes elementos poderiam ser quaisquer uns que o estagiário avaliasse como importantes para a sua formação enquanto psicoterapeuta. Sendo assim, pelo facto de serem elementos relacionados com a experiência pessoal da psicoterapia, decidimos realizar uma entrevista aberta, focalizada na experiência de episódios inter e intra-sessões da psicoterapia, identificando juntamente com cada participante os oito acontecimentos mas importantes. No entanto, no momento de construção da matriz sugerimos a inclusão de mas dos elementos, o *self actual* e o *terapeuta ideal*, sendo cada matriz constituída por dez elementos.

Os construtos foram elicitados através do método diádico na forma sequencial, sendo que, os elementos *self actual* e o *terapeuta ideal* não foram incluídos neste processo de exploração dos construtos. Por razões metodológicas relacionadas com a uniformidade do processo de exploração e análise, decidimos que cada grelha individual incluiria no máximo dez construtos.

O sistema de pontuação escolhido foi o intervalar, sendo cada elemento construído em todas as dimensões de significado pessoal elicitadas, com base numa escala de 7 pontos. Os participantes deveram pontuar cada elemento em relação a cada construto, sendo que os valores 1, 2 e 3 diziam respeito a um pólo do construto e os valores 5, 6 e 7 diziam respeito ao outro pólo do construto, sendo o 4 um ponto médio, indicador da dificuldade operativa do construto sobre a amostra de elementos elicitados.

A análise dos dados consistiu numa análise qualitativa dos elementos das grelhas (permitindo uma categorização dos acontecimentos terapêuticos significativos), e numa análise quantitativa das matrizes correspondentes a cada grelha individual, através do programa RECORD.

A descrição de todos os procedimentos e resultados da análise efectuada neste estudo sai fora do âmbito deste capítulo, pelo que a partir deste momento, debruçar-nos-emos apenas sobre o procedimento de análise da grelha de um único participante (que tomaremos como exemplo) e faremos algumas considerações sobre os respectivos resultados. Assim, durante o processo de elicitação dos elementos o estagiário seleccionou os seguintes acontecimentos terapêuticos significativos como sendo os mais importantes: primeira consulta clínica, episódio de não envolvimento do cliente, comportamento de provocação do cliente, reuniões de equipe, reconhecimento do cliente, tomadas de decisão, recaídas e finalização dos casos clínicos. Um análise qualitativa destes elementos permitiu categorizá-los em: acontecimentos inter-sessão, quer intra-sessão terapêutica, acontecimentos relacionados com as relação terapêutica, acontecimentos relacionados com o próprio processo, acontecimentos relacionados com a supervisão, acontecimentos cujo controlo depende de si ou cujo controlo depende de outros, e acontecimento situados em diferentes momentos do seu estágio. Os construtos resultantes do processo de exploração foram os seguintes: *incompetente / competente, inseguro / seguro, irritado / calmo, frustrado / realizado, impotente /*

Bannister, citado por Beail, 1983) o PEGASUS (Thomas & Shaw, 1977), FLEXIGRID (Tschudi & Keen, citado por Beail, 1985). Alguns dos métodos de análise das grelhas tornaram-se mas populares, precisamente após a sua informatização. A investigação sugere que a diversidade de métodos usados para a analisar as grelhas fornece resultados equivalentes, obedecendo a escolha de um ou outro programa à preferência do utilizador relativamente à apresentação dos dados e à acessibilidade do programa.

O programa RECORD v3.1 para Win98/95/NT desenvolvido por Feixas e Cornejo, é a versão mas actual de um programa informático construído com base nos procedimentos estatísticos da análise de correspondências. Existe anda uma versão RECORD 2.0 DOS/96, que também funciona em ambiente Windows como programa de MS-DOS. O programa é editado por Ed. Paidós - Barcelona, e está actualmente disponível na Internet numa versão de demonstração que permite utilizar o programa cinco vezes, existindo a possibilidade de obter o programa através do seguinte endereço electrónico: http://www.terapiacognitiva.net.

O programa RECORD faz uma análise dos dados da grelha de repertório de modo a explicitar a estrutura implícita à construção pessoal que o sujeito faz sobre uma determinada área de conveniência, permitindo realizar, sobre os dados de uma única grelha, as seguintes análises: (i) análise de correspondências, (ii) análise de clusters, (iii) matrizes de distâncias e de correlações quer para os elementos quer para os construtos, e (iv) análises de conflitos. A partir destas análises calcula, entre outros, os seguintes índices cognitivos: (i) complexidade cognitiva, (ii) índice de Bierí, (iii) intensidade, (iv) índice de potência discriminativo, (v) índice de polarização, (vi) indefinição, e (vii) índice de conflitos. Este programa disponibiliza, anda, um conjunto de gráficos que permitem visualizar rapidamente e de uma forma clara as relações entre construtos e entre construtos e elementos, facilitando a interpretação dos dados. De seguida, ilustraremos as possibilidades de análise que este programa permite, a partir da análise de uma grelha individual.

Um estudo ilustrado do uso da grelha de repertório

No âmbito do nosso interesse sobre a investigação no processo terapêutico, desenvolvemos um estudo exploratório com o objectivo geral de compreender a experiência pessoal de acontecimentos terapêuticos significativos, dos estagiários de psicologia clínica (Fernandes, 1999). Participaram neste estudo ses alunos finalistas do curso de psicologia, estagiários da área de psicologia clínica e da saúde.

Esta investigação teve dos objectivos específicos: (i) identificar os acontecimentos do processo terapêutico percebidos pelo estagiário como significativos na sua formação de psicólogo clínico; e (ii) compreender como o estagiário construía significado da experiência desses acontecimentos.

O planeamento da grelha remeteu-nos para o processo de decisão a que fomos fazendo referência ao longo deste capítulo. Por razões relacionadas com a idiossincrasia dos elementos que pretendíamos construir (acontecimentos terapêuticos significativos), com a representatividade e significância dos elementos para cada participante, bem como com a necessidade de salvaguardar a utilidade dos construtos, decidimos elicitar quer os elementos, quer os construtos no processo de entrevista com

capaz, indiferente / satisfeito, deprimido / feliz, passivo / dinâmico, impulsivo / reflexivo, sem controlo / com controlo.

Embora o programa RECORD permita obter informações sobre todas as análises que mencione acima (matrizes de correlações, análise de clusters, análise de conflitos), neste capítulo usaremos apenas as informações reduzidas que o programa fornece. Este pacote de informações reduzidas é especialmente útil em contextos da prática pois, informa sobre as principais medidas de estrutura e de conteúdo do sistema de construtos e oferece a possibilidade de observar a projecção espacial das relações entre os construtos, entre os elementos e entre construtos e elementos, facilitando a compreensão mediata.

O quadro II apresenta uma matriz de dados transformados a partir da grelha inicial e as informações básicas disponibilizadas pelo programa RECORD. No processo de transformação da matriz, o programa RECORD faz uma verificação dos construtos e reorganiza-os de modo a facilitar quer a análise imediata, quer análise matemática. Observando a matriz após esta transformação torna-se mas fácil identificar as semelhanças entre construtos ou elementos, o que pode ser útil, quando se quer discutir de imediato o processo de construção de significados com o entrevistado, como acontece frequentemente no contexto da prática psicológica (Feixas & Cornejo, 1992).

Quadro II: Matriz transformada e informações básicas do programa RECORD

INFORMAÇÕES BÁSICAS DE GRELHA DE REPERTÓRIO: PSICOTERAPEUTA2.dat
experiência da psicoterapia

CONSTRUCTOS	A B C D E F G H J K	CONSTRUCTOS
1-incompetente	6 5 6 7 5 7 5 6 2 3 2	1-competente
2-inseguro	6 6 6676 55 1 2 3	2-seguro
3-irritado	6 5 6 7 7 6 5 5 2 2 5	3-calmo
4-frustrado	6 5 7 7 6 6 4 3 3 2 3	4-realizado
5-impotente	6 6 7 7 6 6 5 7 5 2 2	5-capaz
6-indiferente	7 6 6 6 7 7 6 7 4 3 5	6-satisfeito
7-deprimido	7 6 7677 5 3 3 5 3	7-feliz
8-passivo	6 6 6 75 3 5 6 3 3 6	8-dinâmico
9-impulsivo	7 6 6 73 3 4 6 3 2 3	9-reflexivo
10-s. controlo	5 5 766 3 4 6 5 1 2	10-controlo

ELEMENTOS
ºA-EU ACTUAL
ºB-1º CONSULTA
ºC-FINALIZAÇÃO
ºD-T.IDEAL
E-REUNIÕES
ºF-RECONHECIMENTO
ºG-OTROS
ºH-T. DECISÃO
º-C. PROVOCAÇÃO
ºJ-N.ENVOLVIMENTO
ºK-RECAIDAS

INDICES GERAIS
intensidade construtos 0,628
intensidade elementos 0,248
intensidade total 0,438
Potência construtos 2,340
Potência elementos 1,080
Potência total 1,710

Índice de Bieri1 0,318
Índice de Bieri2 0,336
Polarização total 24,000
Índice de conflitos 0,000

Correlação EU-IDEAL -0,068
Correlação EU-OTROS 0,389
Correlação IDEAL-OUTROS -0,272

AUTODEFINICION
EU ACTUAL
7 satisfeito vs. indiferente
7 reflexivo vs. impulsivo
7 feliz vs. deprimido

DISCREPANCIA
EU ACTUAL * T.IDEAL

VALORES PROPIOS
Pob. Total: 800 Traza: 0,2015

EJE	Val propio	PCT	PCT ACM	
1	0,13798	68,49	68,49	ÜÜÜ
2	0,02710	13,45	81,94	ÜÜÜÜÜÜÜÜÜ
3	0,01456	7,23	89,16	ÜÜÜÜ
4	0,00928	4,61	93,77	ÜÜÜ
5	0,00801	3,98	97,75	ÜÜ

CHI-2: 161,18
BETA: -0,75 (Se Beta>3 Regeito Ho a p < .05)

Os índices gerais que o programa fornece correspondem a medidas do sistema de construção de significado, quer ao nível do conteúdo, quer ao nível da estrutura. Devido à flexibilidade nos procedimentos de construção e administração da grelha de repertório, estas medidas não podem ter normas para a sua interpretação em termos genéricos, como acontece com os testes estandardizados. No entanto, como já tive a oportunidade de referir anteriormente neste capítulo, existem medidas que tendem a ser mas frequentemente usadas e em relação às quais podemos ter alguma referência para a sua interpretação.

Medidas de conteúdo

A medida de construção do *Self* e de auto-definição indica quais os construtos mais descritivos do *self*, bem como se há discrepância entre os *selves* actual e ideal.

No caso do exemplo que estamos a seguir, esta medida indica que os construtos que melhor definem a experiência do *self* actual do estagiário (porque apresentam pontuações extremas) são: feliz, reflexivo e satisfeito. Além disso este índice sugere também que não há discrepâncias entre a forma como o estagiário se auto-define, no fim do estágio, e a forma como percepciona o psicoterapeuta ideal. A ausência de discrepância, não significa que o estagiário se perceba exactamente como o terapeuta ideal, mas que ambos se situam no mesmo sentido do pólo dos construtos que o definem. A correlação Eu-ideal completa esta medida de discrepância pois, sendo um coeficiente de correlação entre ambos os elementos (coeficiente produto momento) indica-nos como o sujeito se avalia nas dimensões de significado que ele próprio valoriza. O valor obtido na grelha do nosso exemplo corresponde a uma correlação próxima de zero e negativa, o que provavelmente reflecte algum desejo de mudança por parte do estagiário. Segundo Feixas e Cornejo (1992) estes indicadores da medida de discrepância entre a forma como o sujeito constrói a sua experiência e a forma como constrói a experiência do *Self* ideal pode considerar-se uma medida de auto-estima.

A medida de isolamento social auto-percebido permite obter informações importantes sobre a diferenciação entre o *self* e os outros. No caso desta grelha em particular, esta medida não faz sentido, dado tratar-se de uma grelha situacional. No entanto, o programa RECORD cria artificialmente um elemento *outros* que resulta da média de pontuações de todos os elementos excepto o elemento *self* actual e *self* ideal (no caso do nosso exemplo, terapeuta ideal). Portanto no caso do nosso exemplo a correlação Eu - Outros (0, 39) não seria uma medida de isolamento social mas poderia dar-nos uma ideia sobre a distância entre a forma como o estagiário se percebe actualmente (no fim do estágio) e nas outras situações que identificou como acontecimentos significativos do estágio clínico.

Da mesma forma a correlação Outros-Ideal, no caso do nosso exemplo (-0,27) pode significar que a forma como o estagiário percebe a sua experiência nos vários acontecimentos significativos identificados ao longo do estágio, se distingue da forma como ele percebe a experiência do terapeuta ideal. Embora a correlação não seja muito alta, o seu valor negativo, pode indicar alguma vontade de mudança ou insatisfação com a sua experiência nesses acontecimentos. A exploração destes índices com os formando da psicoterapia, pode ser útil na identificação de pistas para a sua supervisão.

Medidas de Estrutura

O programa RECORD fornece dos resultados que constituem medidas de complexidade cognitiva, que evidenciam a capacidade do sujeito para construir o seu mundo de modo multidimensional: (i) o índice de Bieri e (ii) a percentagem de variância explicada pelo primeiro factor.

Embora o programa calcule dos índices de Bieri (1 e 2), Feixas e Cornejo (1992) sugerem que é mas útil usar o índice de Bieri 2, (calculado a partir da matriz transformada e que tem em conta os construtos que pontuam os dados em sentido contrário). Como já referimos anteriormente, a investigação sobre a complexidade cognitiva tem evidenciado que o índice de Bieri funciona mas como um indicador da integração dos construtos, embora possa ser afectado pela diferenciação. Este índice varia entre zero e um, sendo que, quanto menor o valor do índice, maior será a integração. No exemplo que temos vindo a seguir, o valor do índice de Ber2 (0,34) indica uma boa integração cognitiva (inter-relação entre os construtos) na medida em que está mas próximo de zero que de um.

A percentagem de variância explicada pelo primeiro factor, como já referi, constitui um outro indicador da complexidade cognitiva, informando sobre a multidimensionalidade da construção dos sujeitos. No caso do exemplo em análise, a percentagem de variância explicada pelo primeiro factor é elevada (68,49), significando uma construção menos diferenciada marcada por um certo grau de unidimensionalidade. Diríamos assim com base nestes dos índices, que o estagiário usou dimensões de significado pouco diferenciadas mas bastante relacionadas entre si quando atribuiu significado à sua experiência dos acontecimentos terapêuticos.

O programa RECORD calcula três índices de intensidade, como se pode ver no quadro II. Os índices de intensidade são medidas de correlação e informam sobre a integração dos construtos, a integração dos elementos e a integração de ambos os componentes (Feixas & Cornejo, 1992). O programa permite também conhecer a intensidade de cada construto, sendo neste caso o valor da intensidade um indicador da centralidade do construto, pois reflecte o grau de inter-relação desse construto com os restantes construtos. Os valores geras de intensidade varam entre zero e um, sendo que quanto mas elevado for o índice de intensidade maior é a integração dos construtos, dos elementos ou de ambos.

No caso do nosso exemplo, os valores de intensidade mostram que há grande inter-relação entre os construtos usados para construir a experiência da psicoterapia durante o estágio (0, 63), mas essa inter-relação não é tão forte quando a julgamos em relação aos elementos (0,25). Este resultado significa que apesar da diversidade dos acontecimentos identificados, as unidades de significado usadas para elaborar a sua experiência se relacionam bastante entre si.

O índice de potência discriminativa constitui uma medida da flexibilidade de utilização do construto (Feixas & Cornejo, 1992). O valor deste índice calcula-se com base nas pontuações máximas e mínimas permitidas e usadas pelo sujeito, em relação a cada construto, pelo que vara em função dos procedimentos de pontuação sugeridos na administração de cada grelha. No caso da grelha que estamos a analisar, o valor mínimo da potência discriminativa dos construtos seria 0,54 e o valor máximo seria 3,27. O valor indicado no quadro (2,34) mostra que existe bastante flexibilidade no uso dos construtos, o que também explica que apesar de bastante relacionados entre si os construtos seleccionados consigam dar significado a elementos não tão relacionados.

O índice de polarização tem sido entendido como uma medida de rigidez ou flexibilidade do sistema. O pacote de informações reduzidas do programa RECORD indica um valor médio da polarização dos construtos (no exemplo seguido é de 24,0) que serve de referência para a avaliação da polarização de cada construto.

O programa RECORD oferece um índice de conflitos, que tal como referimos anteriormente se centra na avaliação de equilíbrio ou desequilíbrio entre tríades de construtos. No exemplo que tenho referido, este índice indica ausência de conflito na construção do sujeito, ou seja sugere coerência na experiência pessoal definida pelos significados atribuídos à vivência dos acontecimentos terapêuticos.

A figura 1 mostra uma disposição espacial da relação entre os construtos (impressos em minúsculas), entre os elementos (impressos em maiúsculas) e entre construtos e elementos. Esta projecção espacial das relações entre os componentes da grelha facilita a sua leitura e compreensão imediata. Como se pode ver na figura 1, a experiência do sujeito nos acontecimentos relativos à primeira consulta e à finalização dos processos é próxima daquela que o sujeito antecipa para o terapeuta ideal e caracteriza-se por uma percepção de capacidade, dinamismo, controlo e reflexão. A experiência do estagiário no fim do estágio caracteriza-se por percepção de satisfação, competência, realização calma e segurança. Estas características da experiência permitem também construir a experiência (estão do mesmo lado do eixo1) do estagiário na primeira consulta na finalização e do terapeuta ideal. A mesma figura evidencia um agrupamento distinto em volta dos elementos: comportamento de provocação do cliente e recaídas. A construção da experiência associada a estes acontecimentos é de insegurança, frustração, irritação, incompetência e indiferença. O episódio de não envolvimento do cliente sugere uma experiência de impotência, ausência de controlo, passividade e impulsividade.

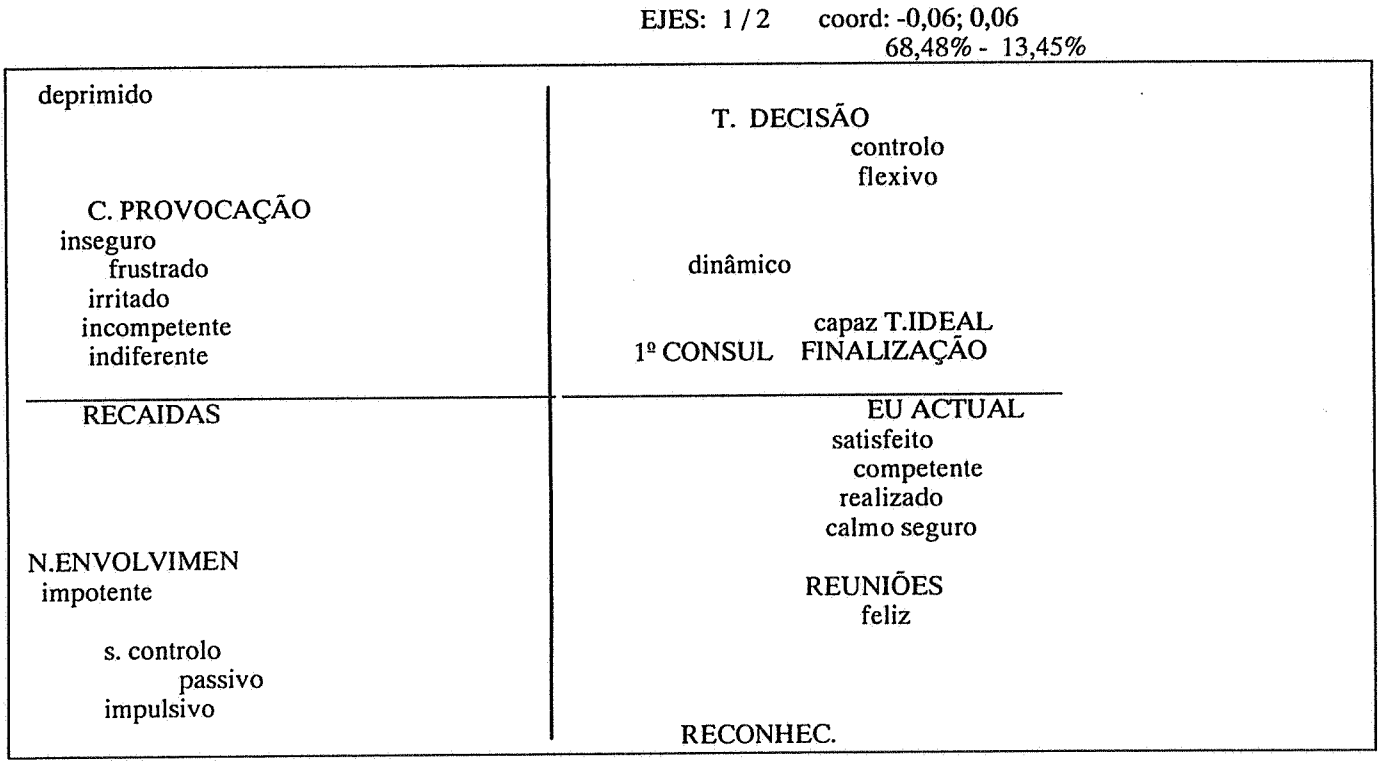


Figura 1: Disposição espacial das relações entre construtores e elementos

Em suma, este estudo permitiu identificar quais os acontecimentos avaliados, pelos estagiários participantes, como significativos na sua formação em psicologia clínica e ajudou a compreender a sua experiência pessoal destes acontecimentos (como os vários acontecimentos se relacionam entre si e com cada um dos construtos usados por cada um dos participantes para lhes dar significado).

No caso do exemplo seleccionado, podemos sintetizar algumas ideias, nomeadamente: (i) o sub-sistema de construtos utilizado para dar significado à experiência de formação em psicoterapia não é muito diversificado, mas é suficientemente flexível para dar sentido a um conjunto de acontecimentos significativos de natureza diversa, e (ii) embora o estagiário experiencie estes acontecimentos de um modo favorável à sua auto-estima, parece motivado para um processo de mudança que o aproxime da sua concepção de terapeuta ideal. Os resultados mostram também que a experiência e a percepção que o estagiário constrói de si próprio, enquanto psicoterapeuta, é anda muito afectada pela natureza positiva ou negativa dos acontecimentos e a sua experiência sofre anda o impacto da sua consciência excessiva do comportamento dos outros (nos acontecimentos em que o controlo é externo, provocações, recaídas, a construção da experiência tende a ser mas desfavorável). Estas seriam indicações úteis em contextos de supervisão dos psicoterapeutas se nos colocarmos numa perspectiva desenvolvimental da supervisão.

Questões de fidelidade e de validade

A grelha de repertório não tem subjacente a ideia de instrumento de medida, nem obviamente da comparação ou diferenciação entre sujeitos por referência a resultados normalizados. Por esse motivo alguns dos aspectos valorizados pelas teorias clássicas da avaliação psicológica, precisam de ser repensados, nomeadamente os conceitos de fidelidade e validade. As preocupações com o rigor metodológico na utilização da grelha e dos seus resultados, por parte dos investigadores, fazem com que esta temática da validade e fidelidade das grelhas não seja pacífica e tenha suscitado algum debate e alguma investigação focalizada nestas questões. Recorrendo às definições clássicas destes conceitos, procuraremos explicitar algumas das especificidades destes aspectos metrológicos a propósito da grelha de repertório.

De acordo com Almeida e Freire (2000) a fidelidade dos resultados de um teste refere-se quer à estabilidade dos resultados, quer à consistência interna ou homogeneidade dos seus tens. Ambos os sentidos fundamentam-se na precisão ou fiabilidade dos resultados por referência ao instrumento de avaliação utilizado.

Avaliar a fidelidade dos resultados de uma grelha (elementos, construtos e relações entre eles) impõe a sua replicação (com os mesmos construtos e os mesmos elementos). Esta situação se, por um lado se torna por vezes impossível devido ao objectivo específico da utilização da própria grelha, por outro este procedimento subentende a noção de estabilidade das dimensões de significado. Este último aspecto não recebe o consenso dos autores que se têm debruçado sobre este assunto. Por exemplo, enquanto Bell (1990) defende que a estabilidade das dimensões de significado aquando da replicação da grelha entra em conflito com o princípio do alternativismo construtivo (central na teoria dos construtos pessoais), Neimeyer e Neimeyer (1993b) lembram que a própria teoria suporta a possibilidade de se assumir que o conjunto de construtos pessoas que é elicitado por uma grelha de repertório

reflecte uma amostra relativamente estável e representativa de um sub-sistema usado pelo sujeito para dar sentido ao seu próprio mundo.

Além desta diversidade de opiniões, sublinhamos que a estabilidade dos resultados da grelha de repertório só poderá ser pensada em relação a uma grelha em particular, e nunca em relação à metodologia da grelha em geral, pois esta encerra em si mesma a ideia de instabilidade, manifesta na diversidade de formas de grelhas, tipos de procedimentos, número e natureza dos elementos ou construtos. Uma das tendências no estudo da fidelidade a propósito da grelha de repertório tem sido avaliar precisamente o impacto das características da grelha, nomeadamente a diversidade das suas formas e dos seus componentes na estabilidade dos valores nas medidas de estrutura como: (i) a complexidade cognitiva; (ii) a intensidade dos construtos; e (iii) a polarização dos construtos (Fransella & Bannister, 1977; Winter, 1992). Alguns estudos têm evidenciado uma boa estabilidade quer dos construtos quer dos elementos usados em grelhas particulares e em momentos distintos. Relativamente às medidas que representam as relações entre estes componentes, os valores de estabilidade são mas instáveis. Enquanto que a estabilidade dos valores de intensidade tem sido referida como baixa, com tendência a aumentar na segunda administração da grelha (sobretudo quando o intervalo de tempo é pequeno), e oscilando em função de condições específicas como, por exemplo, a patologia que caracteriza os sujeitos; os padrões de relações entre construtos ou entre elementos ao longo do tempo manifestam-se mas estáveis, obtendo-se coeficientes de fidelidade entre os 0.60 e 0.80 (Fransella & Bannister, 1977; Watson, Gunn & Gristwood, 1976). No entanto, as mudanças nestas relações entre construtos ou elementos de uma grelha são muitas das vezes o resultado esperado, quando por exemplo a grelha é usada como instrumento de avaliação das mudanças na construção pessoal favorecida por um programa de intervenção. De facto a maior ou menor flexibilidade das dimensões de significado pessoal, usadas para dar sentido à experiência, pode ser responsável pela maior ou menor estabilidade das medidas da grelha. A este propósito, Lawlor e Cochran (1981) demonstraram que uma maior inter-relação entre os construtos, reveladora de uma maior rigidez na construção pessoal, estava geralmente associada a uma maior estabilidade das medidas da grelha.

O termo homogeneidade ou consistência interna dos tens, no contexto desta metodologia, remete-nos por associação, para a ideia da homogeneidade dos elementos e/ou construtos. Como referimos anteriormente, a homogeneidade dos elementos de uma grelha é uma exigência inerente à sua própria construção, mas que não tem necessariamente uma correspondência ao nível da homogeneidade dos construtos. Por outras palavras, um mesmo conjunto de elementos homogéneos pode ser construído por subsistemas de construtos diferenciados, com maior ou menor integração, pelo que não faria sentido calcular, por exemplo, um coeficiente de *Split-half* nestes casos (Winter, 1992). Além disso, a homogeneidade dos elementos está dependente da significância que eles têm para o sujeito que os constrói pelo que é sempre definida em função do próprio sujeito que atribui significado a esses elementos e nunca em função de critérios externos e geras. Assim, respeitar o princípio geral da homogeneidade dos elementos na construção de uma grelha pode exigir a submissão à heterogeneidade dos elementos quando administramos a "mesma" em momentos distintos ou a sujeitos diferentes.

Em suma, os estudos a propósito da fidelidade dos resultados da grelha de repertório reforçam a ideia de que grelhas com formatos distintos não podem ser consideradas idênticas, sugerindo que a avaliação da fidelidade deve considerar não só as diferentes medidas derivadas das grelhas, como os diferentes procedimentos da sua construção, a variação nas populações e nas condições de aplicação da grelha (Fransella & Bannister, 1977; Beail, 1985; Winter, 1992). Assim, no âmbito desta metodologia a utilidade da análise da fidelidade das suas medidas não será no sentido de identificar um atributo da grelha em si, mas antes como auxiliar da pesquisa acerca da mudança ou estabilidade da construção pessoal num determinado domínio da experiência, podendo neste sentido os valores de fidelidade das medidas da grelha funcionar como indicadores da sua validade. A este propósito, por exemplo, Fransella e Bannister (1977) sugerem que a variação dos valores de intensidade dos construtos em função de grupos específicos (por exemplo identificados em termos da psicopatologia) permite assumir a validade preditiva da grelha no sentido em que previsivelmente relaciona as características dos sujeitos e da situação).

De acordo com Almeida e Freire (2000, p.154) o termo validade pode significar "a medida em que os resultados de um teste estão a medir aquilo que pretendem medir", ou num segundo sentido, "o conhecimento que possuímos daquilo que o teste está a medir". Em geral o conceito de validade tem subjacente a crença na possibilidade de conhecer uma essência, manifesta no conteúdo (validade de conteúdo) dos tens das provas psicológicas, que uma vez avaliada com rigor permitira prever com precisão comportamentos futuros (validade por referência a critérios) do sujeito avaliado. Por contraste com as provas de avaliação psicológica mas tradicionais, a grelha de repertório não tem um conteúdo elaborado previamente por referência a uma dimensão ou domínio a ser avaliado. O conteúdo da grelha, se assim o quiséssemos considerar, seria constituído pelos elementos e pelos construtos, não estando definido *à priori*, pois os seus componentes a não ser que sejam fornecidos pelo investigador, vão sendo identificados à medida que os procedimentos inerentes à construção da grelha se vão desenrolando. A grelha em si própria é esvaziada de conteúdo, antes consiste num conjunto de procedimentos para construir conteúdo, sendo este aliás já um dos seus resultados. Diríamos, então, que em vez de analisar o conteúdo, o utilizador da grelha com preocupações de rigor metodológico devera atender à precisão e viabilidade dos procedimentos de construção da grelha, de modo que a exploração da informação seja útil. No fundo importa certificar-se de que uma grelha em particular irá permitir aceder aos padrões de relações entre construtos, e que informação fornece a esse respeito. Em últma análise, as questões da utilidade não recaem sobre os conteúdos, mas sobre os procedimentos de construção e análise da grelha.

Este aspecto remete-nos para todos os cuidados já referidos a propósito do planeamento da grelha, que procuram que a construção da mesma respeite os objectivos para que foi planeada, tornando-se útil. Neste sentido, Yorke (1985) sublinha o facto da homogeneidade e representatividade dos elementos da grelha contribuírem para a sua validade no que diz respeito às potencialidades de análise e interpretação dos seus dados, pois favorecem a maior operatividade do sistema de construtos. A este propósito, o mesmo autor sublinha o facto de as atribuições de significado, pertinentes para dar sentido aos acontecimentos de um domínio particular

da experiência, não serem necessariamente úteis para um outro. Por outro lado, o conceito tradicional de validade assume a estabilidade das dimensões psicológicas internas, a sua universalidade e transferibilidade, pelo que aceita a descontextualização da sua avaliação. Assim, o pressuposto inerente a este critério é incoerente com os princípios teóricos subjacentes à metodologia da grelha, segundo os quais as construções de significado pessoas são provisórias, contextuais, e portanto sujeitas a revisão (Yorke, 1989; Neimeyer & Neimeyer, 1993a).

Os utilizadores da grelha de repertório não pretendem predizer comportamentos futuros em geral, ou em qualquer contexto, mas procuram compreender o conteúdo e os movimentos de construção de significado que num determinado momento e domínio o sujeito está capaz de fazer. A este respeito, refiram-se alguns estudos realizados com o objectivo de avaliar a capacidade das medidas das grelhas, nomeadamente a complexidade cognitiva, para predizer os aspectos do comportamento social dos indivíduos. Embora os resultados se mostrem pouco consensuais (devido precisamente à diversidade de medidas empregues) por exemplo, na área da psicologia clínica a complexidade cognitiva tem-se mostrado útil para diferenciar populações com diferentes psicopatologias e populações normas. Algumas medidas das grelhas têm-se mostrado úteis enquanto indicadoras de perturbação psicopatológica.

Mais do que obter certezas em relação aos comportamentos ou desempenhos futuros, com os resultados de uma grelha exploram-se hipóteses de compreensão das acções / interacções dos sujeitos com o seu mundo, no momento presente. O pressuposto que preside à antecipação dos comportamentos / acções dos sujeitos, a partir dos resultados das suas grelhas, não é a universalidade, nem a transferibilidade, nem a externalização das dimensões psicológicas, mas antes a coerência entre processos de atribuição de significado e acções num determinado contexto da experiência pessoal. Os resultados da grelha de repertório associados ao seu objectivo de exploração / compreensão podem aliás mostrar-se úteis por nos esclarecerem acerca do que não sabemos, contribuindo para a reconstrução de conhecimento (Beail, 1985).

Em suma, a validade da grelha só poderá ser reclamada se referida a uma grelha em particular, construída para obter informação específica e contextualizada. Por sua vez, os critérios de validação das construções de significado, desenvolvidas com os seus procedimentos, são o seu valor pragmático e a coerência com o conhecimento pessoal construído previamente.

Conclusão

A grelha de repertório é um dos instrumentos de avaliação fundamentados na teoria dos construtos pessoais. Consiste num conjunto de procedimentos de recolha, análise e interpretação de dimensões de significado pessoas, não sendo possível definir uma única grelha. Quando nos referimos à grelha de repertório estamos a referir-nos a uma metodologia geral que pode tomar diversas formas, diferentes conteúdos, com diversos domínios de aplicação, servindo também interesses de investigação diferenciados. No entanto qualquer que seja a sua aplicação, em geral a sua ênfase é sempre em explorar aspectos estruturas das visões que os sujeitos constróem sobre os seus mundos e as suas experiências. Assim, embora seja uma metodologia que tem

vindo a ser utilizada em diferentes áreas da psicologia, ela não responde a todos os objectivos da avaliação psicológica O seu carácter ideográfico torna-a útil essencialmente em situações de estudos de caso ou em que o objectivo central é de compreensão / exploração de experiências, mas não em situações cujo objectivo é a medição, comparação com grupos de referência ou a previsibilidade de comportamentos com base na medição de dimensões psicológicas.

Esta metodologia é essencialmente um meio de exploração e construção de conhecimento provisório e contextual, numa atitude de abertura à idiossincrasia do sujeito e não um instrumento de medida e verificação da representatividade do conhecimento, atributos ou qualidades particulares. Esta característica diferencia claramente a grelha de repertório de outros instrumentos de avaliação psicológica (testes) em que o propósito é verificar a existência de dimensões essenciais, internas e estáveis. A grelha de repertório é um instrumento de avaliação em que o próprio processo é promotor de mudança das significações pessoas, sendo nesse sentido entendida também como uma intervenção.

Trata-se pois de um instrumento que concilia uma perspectiva mais fenomenológica da avaliação psicológica com metodologias de análise matemáticas e de quantificação. Se esta tem sido entendida como uma das suas vantagens, é também em nosso entender motivo de alguma controvérsia entre os autores, nomeadamente no que respeita aos critérios de validação dos seus resultados. As preocupações de rigor fundamentadas em enquadramentos epistemológicos diferentes encaminham os investigadores em direcções distintas e raramente conciliáveis, criando alguma confusão a respeito dos critérios de controlo de qualidade no uso desta metodologia. Em nosso entender, os problemas de validação que se levantam quando usamos a grelha de repertório enquadram-se na discussão sobre as questões de validade inerentes às metodologias qualitativas de avaliação e investigação psicológicas. Na continuidade da reforma dos critérios do controlo de qualidade que tem sido assumida pelas metodologias qualitativas de investigação nas ciências sociais e que a psicologia tem assimilado (Polkinghorne, 1991), as preocupações com o rigor do uso da grelha de repertório, se fundamentadas no quadro teórico do construtivismo em geral, ou da teoria dos construtos pessoais em particular, elegem como mas relevantes critérios como coerência e utilidade das construções.

NOTA

[1]Grelha de repertório é a tradução de *Rep grid*, que tenho vindo a assumir desde que, há uns anos, iniciei o trabalho de investigação nesta área. À semelhança do termo espanhol *Regilla*, usamos o termo grelha por considerar que este respeita a referência à matriz que permite estabelecer as relações entre construtos e entre elementos e entre ambos estes componentes. O termo repertório respeita também a ideia de que esta metodologia se refere à exploração do repertório de construtos de um indivíduo num determinado âmbito de conveniência.

Referências

Almeida, L. & Freire, T. (2000). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação.* Braga: Psiquilibrios.

Bell, R. C. (1990). Repertory grids as mental test: implications of test theories for grids. *International Journal of Personal Construt Psychology*, 3:91-103.

Beail,N. (1985). An introduction to repertory grid technique. In N. Beail (Ed.), ———

Repertory grid technique and personal constructs: Applications in clinical & educational settings. London: Croom Helm.

Botelha, L. (2001a). *Personal construct psychology, constructivism, and postmodern thought.* http://www.massey.ac.nz/ALock/virtual/Consctruct.htm

Botelha, L. (2001b) *Personal construct psychology, constructivism, and postmodern thought.* http://www.massey.ac.nz/ALock/virtual/Consctruct.htm

Button, E. (1985). Techniques for exploring constructs. In E. Button (Ed.), Personal constructs theory & mental health. London: Croom Helm.

Cornejo, J.M. & Feixas, G.V. (1992). *Manual de la tecnica de rejilla - mediante el programa Record.* (1ª ed) Madrid: TEA (Ed).

Feixas, G.V. (1990). Approaching the individual, approaching the system: A constructivist model for integrative psychotherapy. *Journal of Family Psychology*. 4(1), 4-35.

Feixas, G. V. (1991). Del individuo al sistema: La perspectiva construtivista como marco integrador. *Revista de Psicoterapia*. 2(6-7), 91-120.

Feixas, G.V.(1992). Personal construct approaches to family therapy. *Advances in Personal Construct Psychology*. 2, (217-257).

Feixas, G. V. & Botelha, L. (1991). *La reconstrucció autobiografica: Un enfocament constructivista de treball grupal en gerontologia*. Barcelona: EUGE.

Feixas, G.V. Procter, H.G. & Neimeyer, G.J. (1993). convergent lines of assessment: Systemic and constructivist contributions. in G..J. Neimeyer (Ed.), *Constructivist assessment: A casebook*. London: Sage Publications.

Feixas, G.V. & Villegas, M.B. (1990). *Construtivismo Y Psicoterapia*. (1ªed) Barcelona: PPU.

Fernandes, E. M. & Gonçalves, O. F. (1997). Exploração de construtos pessoais sobre o self em mudança em pacientes depressivos e agorafóbicos. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*. 2(1), 33-52.

Fernandes, E. M. (1999, Outubro) *Experiência dos acontecimentos terapêuticos: Uma construção com base na grelha de repertório*. Comunicação apresentada na VII Conferência Internacional "Avaliação Psicológica: Formas e Contextos". Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Fransella, F. (1972). *Personal change and reconstruction*. New York: Academic Press

Fransella, F. & Bannister, D. (1977). *A manual for repertory grid technique*. London: Academic Press.

Marti, J.M.; Feixas, G.V. & Villegas, M.B.(1987). Modelo de evaluacion de grupos deportivos basado en la tecnica de rejilla (grid) de Kelly. *Revista de Psiquiatria Y Psicologia Humanista* 18, 32-41.

Kelly, G. (1955). *The psychology of personal constructs*. New York: Norton.

Landfield, A W. & Epting, F.R. (1987). *Personal construct psychology*. New York: Human Sciences.

Lawlor, M.; Cochran, L. (1981). Does invalidation produce loose construing? *British Journal of Medical Psychology,* 54, 41-50

Mahoney, M. (1988). Construtive metatheory I: Basic features and historical foundations. *International Journal of personal Construct Psychology*. 1, 1-36.

Neimeyer, R. A.; Baker, K. D. & Neimeyer, G. J. (1990). The current status of personal construct theory: Some scientometric data. In R. A. Neimeyer & G. J. Neimeyer (Eds.), *Advances in personal construct psychology*. London: JAI Press.

Neimeyer, G. J. & Neimeyer, R. A. (1993a). Defining the boundaries of construtivist assessment. n G. J. Neimeyer (Ed.), *Constructivist assessment: A casebook*. London: Sage Publications.

Neimeyer, R. A. (1993). Constructivist approaches to the measurement of meaning. in G. J. Nemeyer (Ed.), *Constructvst assessment: A casebook*. London: Sage Publications.

Neimeyer, R.A. & Neimeyer, G.J. (1993b). Constructivist assessment: what and when. n G. J. Neimeyer (Ed.), *Constructivist assessment: A casebook*. London: Sage Publications.

Polkinghorne, D.E. (1991). Two conflicting calls for methodological reform. *The Counseling Psychologist*. 19, 103-114.

Slater, P. (1964). *The principal components of a repertory grid*. London: Vincent Andrew.

Thomas, L.F. & Shaw, M.L.G. (1977). *PEGASUS Manual*. Centre for study of human learning,, Brunel University.

Yorke, D. M., (1985). Administration, Analysis and Assumptions: Some Aspects of Validity. In N. Beail, Repertory *Grid Technique and Personal Constructs: Applications in Clinical & Educational Settings*. (pp. 383-399). London: Croom – Helm.

Yorke, M. (1989). The intolerable wrestle: words, numbers, and meanings. *International Journal of Personal Construct Psychology*, 2, 65-76.

Watson, Y. P.; Gunn, Y. C.; Gristwood, Y. (1976). A Grid investigation of long-term prisioners. Im P. Slater (Ed.). *The measurement of Intrapersonal Space by Grid Technique*. Vol 1. London: Wiley

Winter, D.A. (1992). *Personal construct psychology in clinical practice: Theory, Research and Applications*. London: Routledge.